

MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA CAMINHADA ECOLÓGICA NA PRAIA DE CAMBURI/VITÓRIA-ES

Adriano de Souza Viana – IFES – adrianosviana@yahoo.com.br

Antônio Donizetti Sgarbi – IFES – donizetti@ifes.edu.br

Hudson Ribeiro – IFES – hudsribeiro@hotmail.com

Izabella Costa Santiago – IFES – santiagocizabella@gmail.com

Mariluz Sartório Deorce – IFES – mariluz@ifes.edu.br

Paulo Fernando Pedrosa – IFES – paulofpedrosa@hotmail.com

RESUMO

Este texto relata uma experiência de Educação Ambiental (EA) realizada por um movimento social de Vitória-ES, a Associação de Amigos da Praia de Camburi (AAPC). O objetivo foi promover um estudo de caso para compreender a dinâmica da ação pedagógica de um movimento social que promove a EA. Para tanto, objetivou-se vivenciar, relatar e fazer uma breve análise de uma “caminhada ecológica” dirigida pela AAPC. Trata-se, em termos metodológicos de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, com técnicas de observação participante e entrevista. Os participantes da pesquisa são 34 (trinta e quatro) pessoas, em sua maior parte moradores dos bairros tangenciados pela Praia, membros de uma comunidade espírita. O texto relata a experiência vivenciada na “caminhada ecológica” e a discute à luz dos referenciais teóricos escolhidos. Concluiu-se que a AAPC realiza uma educação ambiental crítica, promovendo participação popular e educação política dos cidadãos através de um contato concreto com a realidade socioambiental. Sugere que seria interessante reviver a experiência a partir de um roteiro pedagógico para explorar com mais profundidade as potencialidades da ação e refletir sobre a importância da parceria entre educadores de espaços formais e não formais de educação.

Palavras-chave: Movimentos sociais; educação ambiental; pedagogia crítica.

1. INTRODUÇÃO

Este texto relata uma pesquisa feita para conhecer melhor o trabalho da Associação de Amigos da Praia de Camburi (AAPC), que militando como movimento ambientalista promove ações de educação ambiental crítica.

O interesse inicial do grupo de pesquisadores era compreender a dinâmica da ação pedagógica de um movimento social aproximando-se de uma prática concreta de exercício da cidadania ligadas à cidade de Vitória-ES. Para tanto, objetivou-se vivenciar, relatar a experiência e fazer uma breve análise de uma *caminhada ecológica* promovida pela AAPC.

O presente texto em primeiro lugar retoma alguns autores que discutem a temática: *movimentos sociais e educação ambiental*. Num segundo momento apresenta a metodologia utilizada. Discute a seguir algumas características do local da pesquisa – a Praia de Camburi – e suas contradições. Dados estes passos, faz-se um relato de experiência para se discutir o caso a ser estudado, ou seja, da *caminhada ecológica* na Praia de Camburi.

2. PRÁTICA EDUCATIVA AMBIENTAL E MOVIMENTOS SOCIAIS

Para Loureiro (2011) a Educação Ambiental é uma práxis educativa e social e tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade de vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente. Na visão do mesmo autor, ela tem por objetivo “contribuir para a tentativa de implementação de um padrão civilizacional e societário distinto do vigente, pautado numa nova ética da relação sociedade-natureza” (2011, p. 73).

Segundo Ramos a educação ambiental surge em meio a

[...] protestos e manifestações questionando os valores da sociedade capitalista e problemas de ordem social e políticas que ocorreram nos anos 50 e 60, criaram um clima favorável para o envolvimento da sociedade civil e impulsionaram o fortalecimento dos movimentos sociais em torno dos quais se agrega e amplia o ambientalismo, e se

ergue a bandeira da ecologia. Inicia-se uma tomada de consciência crítica de que o crescimento (e por extensão, à sociedade de consumo) ligado aos ideais da razão ocidental burguesa e aos valores da cultura industrial estão associados à destruição do meio ambiente (2001, p. 202).

Apesar dessa origem revolucionária a educação ambiental das décadas seguintes sucumbiu às pressões mercadológicas e se transformou num discurso conservador que segundo Loureiro “promove mudanças superficiais para garantir o *status quo*, a alteração de certas atitudes e comportamentos, sem que isso signifique incompatibilidade com o modelo de sociedade contemporânea em que vivemos” (2003, p. 38).

Para o autor há dois discursos ambientais possíveis: um conservador, como o citado acima e um transformador que propõe a defesa de uma racionalidade dialética que afirma, não romanticamente ou idealmente, mas com base na compreensão histórica, a possibilidade de mudança global das relações sociais – inclusive de produção – que definem diferentes tipos de sociedade da nossa espécie. Somente podemos pretender um mundo novo se tivermos a convicção de que este pode ser construído pela ação consciente dos sujeitos, mas não por indivíduos genéricos, e sim por sujeitos que são definidos pelo e que aponta o contexto de realização (LOUREIRO, 2003, p. 41).

Defendemos uma educação ambiental crítica alicerçada na visão transformadora da realidade social. Propomos que ela rompa com os discursos reacionários e promova o empoderamento dos movimentos sociais, e que estes mobilizem a sociedade civil no sentido de colaborar e transformar o meio-ambiente em que vivemos.

Estes movimentos sociais são caracterizados por Loureiro como constituintes do “processo de materialização e resposta concreta a uma crise civilizacional que se mostra crescente e que traz em seu interior uma profunda sensação de impotência e de desmobilização” (2011, p.83).

Sente-se, porém, que cada movimento para promover uma ação que seja crítica e transformadora tem que agir de forma planejada adotando princípios

de uma Pedagogia Progressista. A necessidade de toda ação educativa exigir um sólido embasamento pedagógico para se perfazer como práxis educativa libertária, ao adequar o conteúdo educativo à forma progressista crítica em uma relação dialógica e dialética, nos fez optar pela pedagogia progressista conforme enunciada por Dussel, Freire e Saviani, como afirmam Costa e Loureiro quando escrevem:

[...] compartilhamos da necessidade de uma visão pedagógica a partir de Demerval Saviani; Enrique Dussel e Paulo Freire à questão da exclusão e suas implicações para o debate ambiental, uma vez que a colonialidade sob o modo de produção capitalista impede, em termos freirianos, o ser humano de ser mais (2015, p. 185).

Nesta mesma esteira continuam estes autores afirmando que apesar desses pensadores não circunscreverem suas reflexões no âmbito da educação ambiental, identifica-se neles a concepção radical, rigorosa e de conjunto, de que a libertação do ser humano, enquanto indivíduo encontra-se imbricada com a transformação da sociedade.

Acreditamos, na esteira destes autores, que existe uma relação intrínseca entre a prática educativa ambiental e o movimento social em uma dinâmica democrática de informação, diálogo, debate, união e luta para não apenas preservar o planeta, mas também, tornar a Terra um lugar agradável de viver. E isto exige transformação.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se, em termos metodológicos de uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso. Pois, para André (2008, p. 33) o estudo de caso permite uma visão profunda e ao mesmo tempo ampla e integrada de uma unidade social complexa, composta de múltiplas variáveis. Retrata situações da vida real e iluminam a compreensão do leitor sobre o objeto estudado.

Como técnicas, ou estratégia, utilizamos a observação participante e a entrevista. Segundo Ludke e André (1986, p. 28) a observação participante é

uma estratégia de envolvimento do pesquisador na situação estudada. Já a entrevista foi feita com o guia da ação para conhecer melhor o movimento social, ou seja, a AAPC.

Os participantes da pesquisa foram 34 (trinta e quatro) pessoas, em sua maior parte moradores dos bairros tangenciados pela Praia, membros de uma comunidade espírita. Incluímos entre os sujeitos dois guias (o presidente e um ex-presidente da AAPC) e quatro observadores participantes. Vale lembrar que participavam deste grupo cerca de 7 (sete) adolescentes. A identidade dos participantes é preservada durante todo o estudo. A caminhada foi realizada em um domingo pela manhã o que demonstra o lado lúdico da mesma.

3. ORGANIZAÇÃO DA COMUNIDADE EM DEFESA DA PRAIA CAMBURI

A praia de Camburi, cartão postal da cidade de Vitória, está localizada ao norte da capital do Estado do Espírito Santo, Brasil, sendo a única praia de Vitória localizada na parte continental da cidade e a maior praia da capital, com aproximadamente 6 km de extensão. Tange três grandes bairros: Jardim da Penha, Mata da Praia e Jardim Camburi. É bastante frequentada e tem a melhor estrutura hoteleira da capital. É limitada pelos extremos norte-sul, que compreende o Complexo de Tubarão de um lado e o Canal da Passagem de outro, local marcado por um monumento à lemanjá.

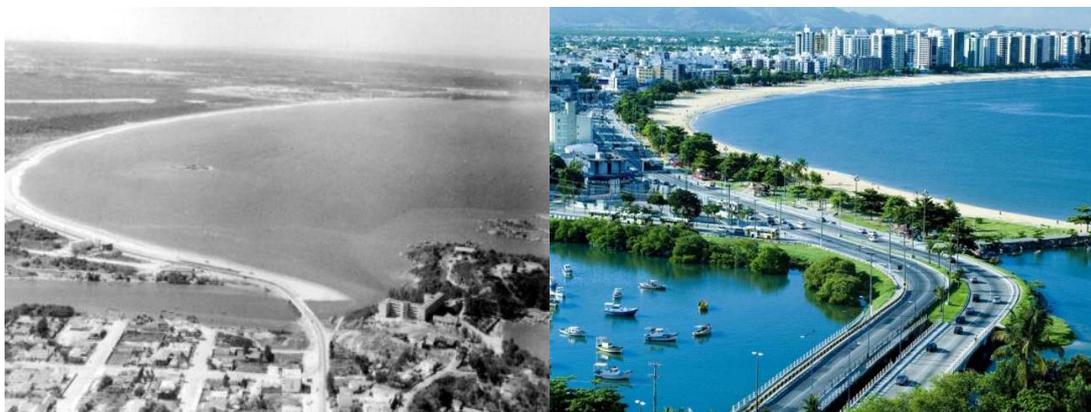


Fig. 1 e 2 - Praia de Camburi ontem e hoje

Fonte: BARICHIVICH, 2016. Site - Capixaba da Gema, 2016.

Porém, a ocupação desordenada do ambiente costeiro, decorrente do intenso desenvolvimento econômico e populacional tem levado ao aumento considerável de despejo de efluentes domésticos e industriais, sobretudo no ecossistema marinho. Esses poluentes são advindos do esgoto doméstico do Canal da Passagem, Baía de Vitória; oriundos da Lagoa Pau Brasil, ligado ao Rio Camburi, Serra, Zona Norte da praia; e os poluentes químicos que são, segundo membros da AAPC, despejados diariamente na Baía pelas empresas do Complexo de Tubarão.

Dentre os problemas de poluição ambiental que a região enfrenta, um dos maiores é a presença das empresas siderúrgica Arcelor Mital, que tem um seguimento de mineração, e a Empresa mineradora VALE S.A (ARTICULAÇÃO, 2016). Essas empresas são responsáveis por lançar no ar da Grande Vitória o famigerado pó preto, além de serem as responsáveis pelo passivo ambiental depositado na região norte da praia de Camburi. Moradores dos bairros construídos ao longo da praia têm registrado cada vez mais reclamações a respeito da poluição dessas empresas.

É no cenário acima descrito que nasceu a Associação dos Amigos da Praia de Camburi (AAPC). Uma Associação que tem buscado através de ações pedagógicas junto às escolas e comunidades o diálogo com o objetivo de demonstrar a importância da preservação da Praia de Camburi.

Segundo Pedrosa (2016) a AAPC, foi fundada em dois de junho de 2009, por um grupo de amigos que frequentavam a Praia. Este desejo surgiu depois que a empresa Vale fez uma dragagem para a entrada de navios maiores, jogando na praia uma areia misturada com minério de ferro. Esta situação mobilizou este grupo de amigos que fundaram uma Organização não Governamental – ONG, sem fins lucrativos, com objetivo de promover a recuperação ambiental da praia. A AAPC mantém uma estreita relação com as associações de bairro: Jardim Camburi, Mata da Praia, Jardim da Penha, Ilha do Boi, Ilha do Frade e da Praia do Canto. Mantém relações com as entidades: SOS Ambiental (conhecida com Associação de combate ao pó preto) e a Federação das

Associações de Moradores e Movimentos Populares do Espírito Santo (FAMOPES).

3. CAMINHADA PELA PRAIA: UMA AÇÃO PEDAGÓGICA EM DEFESA DO MEIO AMBIENTE

A *caminhada ecológica* orientada pela AAPC tem início próximo ao viaduto de Jardim Camburi. Antes de começarmos a caminhar o nosso guia traça um breve itinerário da caminhada e sugere que as pessoas permaneçam próximas uma das outras, para que sua voz seja escutada por todos.

A caminhada começa e, ao passarmos próximo ao viaduto, o primeiro obstáculo: uma manilha de onde desce esgoto oriundo dos bairros vizinhos. A água enegrecida e fétida, não nos deixa dúvida, apesar dos longos anos e várias campanhas de conscientização ambiental, ainda há esgoto *in natura* sendo despejado na principal praia da cidade. Como da boca da manilha surge o pequeno *córrego*, temos que passar por cima dela, que tem quase um metro e meio de altura, tarefa um pouco complicada para algumas pessoas do grupo, que não estão acostumadas com esportes de *aventura*. Vencido o obstáculo, seguimos caminho pela trilha formada em meio às castanheiras. Segundo um dos guias, essas árvores não são nativas da região, mas por ser uma planta dominante acabou *expulsando* outras espécies de árvores e só ela e uns poucos exemplares de outras espécies sobraram na área. Percebemos que todas as árvores estavam marcadas com tinta vermelha, mas ninguém soube explicar o porquê da marcação.

Em determinados lugares, a cobertura de areia é muito fina, como se fosse uma pele. Abaixo dela, uma camada profunda de minério, o chamado *passivo ambiental*. Essa camada é tão profunda, que mesmo cavando, utilizando resíduos de madeira e metal encontrados na praia (Figura 4), não foi possível chegar ao seu final. Perguntado sobre a profundidade daquela camada, nosso guia afirmou que supera os 50 cm de profundidade. O que mais espanta é que essa camada é muito extensa, sendo impossível calcular a quantidade de

minério de ferro depositado naquela região e o prejuízo ambiental causado por ele.



Fig. 3 – Areia preta na Praia de Camburi, em Vitória (Foto: JUBINI, 2015).



Fig. 4 – O que existe por baixo da “pele da Praia” (Foto: SGARBI, 2016)
Fonte: Arquivo dos autores, 2016.

Além do passivo ambiental, o grupo detectou a presença de muitas garrafas pet, guimbas cigarro, papéis de bala, preservativos usados, até sapatos velhos e toda sorte de lixo produzido pela cidade, ou seja, as mineradoras não agem sozinhas na poluição da praia, a população tem um papel significativo nesse desserviço à cidade.

O ponto alto da caminhada acontece quando, em uma piscina natural, formada por recifes, nosso guia entra na água cristalina. O que está coberto de areia passa a ser remexido e o que era transparente, ganha um tom amarronzado, resultado do minério em oxidação. A imagem é estarrecedora, nenhum de nós pode imaginar o tanto de minério que está coberto por água e areia na praia de Camburi. Essa visão causa ainda mais indignação nos participantes, pois muitas imagens reproduzidas, inclusive pelas próprias empresas, da superfície cristalina da praia não dão conta de sua poluição, o que coloca em evidencia a contradição do discurso de responsabilidade ambiental veiculados na mídia pelas mineradoras.

O final da caminhada se dá na visão da cidade do ponto de vista de onde as empresas estão localizadas. Enquanto da cidade olhamos a ponta do tubarão

escura e opaca, de lá observamos a cidade límpida e inequívoca, em pleno movimento.

A ação pedagógica se dá em um ambiente não formal de educação e é realizada por educadores ambientais que não tem uma preocupação em seguir um esquema pedagógico predeterminado. Não há uma preparação prévia para a realização da *caminhada ecológica* e nem uma avaliação da ação, porém a ação educativa é percebida em algumas falas que foram registradas na caminhada e embora não haja uma sistematização das discussões percebe-se que a realidade leva as pessoas a questionamentos contínuos.

4. CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Ficou claro para os pesquisadores o papel formador da AAPC. Embora não seja composta por profissionais da educação, os seus membros cumprem o papel de educadores ambientais. Ficou claro também que embora a situação já tenha sido, e continua sendo amplamente denunciada pelos Meios de Comunicação Social (FERNANDES, 2015) nada é como uma visita *in loco*. Ver, tocar, sentir e experienciar causa um impacto muito maior do que ver as notícias veiculadas. Isto pode ser comprovado ouvindo durante a caminhada frase como: “eu moro aqui há 35 (trinta e cinco anos) e nunca tinha vindo neste local da praia” – fala de uma senhora no final da caminhada.

Reforçou-se, a partir desta experiência, a proposta de reviver a caminhada a partir de um roteiro pedagógico estruturado para explorar com mais profundidade as potencialidades da ação. E a partir disso, refletir sobre a importância da parceria entre educadores de espaços formais e não formais de educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Estudo de Caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. Brasília: Liber Livro, 2008.

ARTICULAÇÃO INTERNACIONAL DOS ATINGIDOS PELA VALE. Disponível em: <<https://atingidospelavale.wordpress.com/quem-eh-a-vale/>> Acesso em: 31 maio. 2016.

BARICHIVICH, Y. **O antes e o depois da Praia de Camburi**, Vitória. 2016. 1 fotografia, preto e branco, 960cm x 677cm. Disponível em: <<http://www.capixabadagama.com.br/wp-content/uploads/2015/06/O-antes-e-o-depois-da-praia-de-Camburi-Vit%C3%B3ria-3.jpg>> Acesso em: 20 maio. 2016.

BARICHIVICH, Y. **O antes e o depois da Praia de Camburi**, Vitória. 2000. 1 fotografia, color, 393.016cm x 262.984cm. Disponível em: <<http://www.capixabadagama.com.br/wp-content/uploads/2015/06/imagens-praia-de-camburi-58e04f.jpg>> Acesso em: 20 maio. 2016.

COSTA, C. A.; LOUREIRO, C.F.B. Contribuições da pedagogia crítica para a pesquisa em Educação ambiental: um debate entre Saviani, Freire e Dussel. In.: **Revista Brasileira de Educação Ambiental (REVBEA)**, São Paulo, V. 10, No 1: 180-200, 2015. Disponível em: <<http://www.sbectur.org.br/revbea/index.php/revbea/article/view/4531>> Acesso em: 25 jun. 2016.

FERNANDES, V. **Vale tem que trocar areia poluída do final da Praia de Camburi**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2015/12/vale-tem-que-trocar-areia-poluida-do-final-da-praia-de-camburi.html>> Acesso em: 20 maio. 2016.

JUBUNI, V. **Areia preta na Praia de Camburi**, 2015, 1 fotografia, color, 620 cm x 465 cm. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2015/12/vale-tem-que-trocar-areia-poluida-do-final-da-praia-de-camburi.html>> Acesso em: 20 maio. 2016.

LOUREIRO, C. F. B. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. de (Org.) **Educação Ambiental: Repensando o espaço da cidadania**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 73-103.

LOUREIRO, C. F. B. Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora. **Ambiente e Educação**, Rio Grande do Sul, v. 8, n. 1, p. 37-54, 2003.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

PEDROSA, P. F. **A Associação dos Amigos da Praia de Camburi**. 2016. Entrevista concedida a Izabella Costa Santiago, para trabalho da disciplina Tópicos de Humanidades I, do Mestrado em Ensino de Humanidades do Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, junho de 2016.

RAMOS, E. C. Educação ambiental: origem e perspectivas. **Educar**, Curitiba, n.18, p.201-218. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n18/n18a12.pdf>> Acesso em: 20 maio. 2016.

SGARBI, A.D. **O que existe por debaixo da “pele da Praia”**. 2016, 1 fotografia.